

Adeus Bardin: O Fim da Hegemonia da Análise de Conteúdo em Pesquisas Qualitativas à Luz de Gioia

JAQUELINE DE PAULA SIQUEIRA DA COSTA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ (UNIOESTE)

SILVANA ANITA WALTER

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ (UNIOESTE)

EDUARDO GUEDES VILLAR

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA (IFSC)

ALINE TAINA PEIXOTO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ (UNIOESTE)

Agradecimento à orgão de fomento:

Fundação Araucária

ADEUS BARDIN: O FIM DA HEGEMONIA DA ANÁLISE DE CONTEÚDO EM PESQUISAS QUALITATIVAS A LUZ DE GIOIA

Resumo: Este artigo, de cunho metodológico, tem como objetivo compreender o processo de teorização - gerado a partir da análise primária e secundária de dados qualitativos proposta por Gioia-, por meio de um exemplo ilustrativo de um estudo sobre as mudanças nos diferentes papéis sociais de mães e pais pesquisadores de *stricto sensu* da área de Contabilidade e Administração no Brasil e em Portugal durante a pandemia de COVID-19. Como problematização, são discutidas as limitações da análise de conteúdo em pesquisas qualitativas, especialmente em pesquisas nas áreas de Administração e Contabilidade. Defendemos, a partir desta proposta metodológica, que as metodologias qualitativas não devem ser tratadas como modelos rígidos, mas como instrumentos flexíveis e adaptáveis, sensíveis ao contexto e aos objetivos da pesquisa. A adoção da análise de primeira e segunda ordem amplia o escopo das técnicas tradicionais de análise de conteúdo ao contribuir uma compreensão mais profunda dos fenômenos investigados, ao respeitar o processo indutivo de teorização, o que permite a geração de teorias a partir de dados empíricos. Por fim, evidenciamos o uso da abordagem de Gioia, com um exemplo didático-metodológico com dados obtidos em entrevistas com docentes de programas *Stricto Sensu* em Contabilidade no Brasil e em Portugal, e explicamos as etapas, critérios e procedimentos para análise, além de exemplificar como esse método pode ser utilizado para construir categorias conceituais de forma interpretativa e indutiva. Como contribuição metodológica, descrevemos didaticamente o processo de teorização, exemplificando cada etapa, de forma a orientar futuros trabalhos desenvolvidos a partir da abordagem qualitativa.

Palavras-chave: análises qualitativas; análise de conteúdo; análise de primeira e segunda ordem de Gioia.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa qualitativa permite compreender fenômenos, captar significados atribuídos pelos sujeitos e construir teorias fundamentadas em dados empíricos (Merriam, 2009). Essa abordagem busca explicar relações, revelar sentidos e compreender processos sociais e organizacionais em profundidade (Patton, 2015).

A análise qualitativa permite ainda utilizar recursos como comunicação verbal e não verbal, processar e interpretar informações no momento em que são obtidas, bem como esclarecer, resumir e confirmar dados durante o processo investigativo. Para Merriam e Tisdell (2016), o pesquisador atua como principal instrumento na coleta e análise de dados qualitativos, pois sua capacidade de adaptação imediata e resposta flexível torna possível compreender os fenômenos estudados. É inerente à pesquisa qualitativa a transparência e o rigor no delineamento metodológico por meio do detalhamento de procedimentos de coleta, de análise e de interpretação dos dados produzidos (Huberman & Saldaña, 2020).

A pesquisa qualitativa agrupa vários métodos de análise de dados, tais como análise de conteúdo (Gioia, Corley & Hamilton, 2012; Bardin, 1977); análise de grounded theory (Strauss & Corbin, 2009); análise do discurso (Foucault, 2005; Bakhtin, 2003); análise da narrativa (Pentland, 1999) e análise da conversação (Fairhurst & Cooren (2004) e outros. Contudo, no Brasil, nas áreas de Administração e Contabilidade, observamos o uso reiterado e, muitas vezes, superficial e instrumentalizado da análise de conteúdo, principalmente a partir da proposta por Bardin (1977). Os estudos recentes têm evidenciado que, nessas áreas de conhecimento, a técnica é frequentemente empregada apenas como procedimento de codificação mecânica, sem o detalhamento necessário sobre a construção de categorias e o processo de interpretação e de produção indutiva de teorizações (Llewellyn, 2003; Sampaio *et al.*, 2025).

O presente artigo traz à tona a importância de se tomar seriamente a condução de pesquisas qualitativas a partir de análises indutivas, conforme proposta por Gioia e Chittipeddi (1991). Segundo os autores, o rigor qualitativo não decorre da simples repetição mecânica de etapas, mas da produção teórica a partir da reflexividade do pesquisador, da clareza na conexão entre dados brutos, categorias e teoria emergente, bem como da transparência ao longo do processo analítico (Gioia, Corley & Hamilton, 2012). Contudo, essa abordagem não deve ser tratada como uma receita pronta a ser aplicada de maneira acontextualizada (Gioia *et al.*, 2022). Os próprios Gioia *et al.* (2022) criticam a aplicação superficial, parcializada e instrumentalizada de sua metodologia por parte de alguns pesquisadores, que acabam apenas reproduzindo termos e estruturas sem compreender o sentido mais profundo da abordagem, transformando esta metodologia em um “modelo”.

Nesse cenário, o presente artigo, de cunho metodológico, tem como objetivo compreender o processo de teorização - gerado a partir da análise primária e secundária de dados qualitativos proposta por Gioia-, por meio de um exemplo ilustrativo de um estudo sobre as mudanças nos diferentes papéis sociais de mães e pais pesquisadores *stricto sensu* da área de Contabilidade e Administração no Brasil e em Portugal durante a pandemia de COVID-19. Para tanto ele apresenta a metodologia de análise qualitativa proposta por Gioia e Chittipeddi (1991). Trata-se de uma abordagem indutiva que valoriza a reflexividade do pesquisador, assegura maior transparência analítica e favorece a coerência interna entre dados e interpretações teóricas (Gioia, Corley & Hamilton, 2012).

Para tal, exemplificamos didaticamente a análise de dados obtidos em entrevistas com docentes de programas *stricto sensu* em Contabilidade e Administração no Brasil e em Portugal, com o intuito de demonstrar como a abordagem metodológica em questão pode contribuir para processos de teorização em lógicas qualitativas. Assim, ao evidenciar o rigor do processo analítico e a ligação entre dados empíricos e a teorização a partir do método, buscamos superar as fragilidades do uso quase exclusivo da análise de conteúdo de Bardin (2010) em pesquisas qualitativas nas áreas de Contabilidade e de Administração no Brasil.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Pesquisa qualitativa

A pesquisa qualitativa consiste em um método de investigação que busca compreender os significados, as percepções e as interpretações que os indivíduos atribuem aos fenômenos sociais (Merriam, 2009). Segundo Merriam (2009), essa abordagem é usada quando se deseja compreender como as pessoas constroem sentido sobre suas experiências no contexto em que vivem, ao enfatizar processos, relações e perspectivas subjetivas.

Para Gioia, Corley & Hamilton (2012), a pesquisa qualitativa possibilita construir teorias a partir de dados empíricos, por meio de uma abordagem indutiva, que privilegia a descoberta e o desenvolvimento de conceitos ancorados nas falas e práticas dos participantes. A pesquisa qualitativa, portanto, busca contribuir para a compreensão dos significados atribuídos pelos indivíduos; explorar processos sociais, culturais e organizacionais e desenvolver teorias ou modelos conceituais baseados em dados empíricos (Gioia, 2017). Essa abordagem pode ser conduzida a partir de inúmeras técnicas e procedimentos de coleta de dados, como, por exemplo, entrevistas em profundidade, grupos focais, análise documental e observação participante ou não participante (Merriam, 2009; Gioia, Corley & Hamilton, 2012).

Em relação à coleta de dados, entendemos que trata-se de um processo de produção, que parte da interação do pesquisador com informações presentes no ambiente, que passam a ser consideradas no processo de teorização (Bansal & Corley, 2011). No caso da pesquisa qualitativa, os “dados” são manifestados por meio de palavras e comportamentos dos

participantes (Merriam & Tisdell, 2016), os quais podem ser produzidos a partir de entrevistas individuais ou em grupo; observações de comportamentos e interações em campo; documentos diversos; materiais audiovisuais e até artefatos físicos produzidos pelos participantes (Patton, 2015).

Além de selecionar técnicas de coleta, pesquisadores qualitativos são convidados a refletir criticamente sobre a forma como constroem o próprio percurso investigativo, considerando que rigor metodológico não se limita ao seguimento estrito de procedimentos pré-definidos (Harley & Cornelissen, 2022). Nessa perspectiva, Cavalcanti (2017) aponta que a busca por rigor envolve escolhas conscientes e coerentes ao longo do processo, bem como a explicitação dos critérios que orientam tais escolhas. Esse cuidado fortalece a credibilidade do estudo e favorece a compreensão de como os dados foram produzidos e analisados.

Sergi e Hallin (2011) mencionam que a pesquisa qualitativa deve ser vista como um fazer processual, que vai além de descrições “densas” para considerar também a performatividade do próprio ato de pesquisar. Isso implica reconhecer que a coleta de dados não é uma etapa isolada, mas parte de uma prática contínua de interpretação e construção de sentido, em que o pesquisador se envolve ativamente com o campo e com os participantes.

Após a coleta de dados, o pesquisador necessita interpretar e organizar essas informações para produzir conhecimento (Merriam & Tisdell, 2016). Na pesquisa qualitativa, costuma-se lidar com grande quantidade de dados descritivos. Cabe ao pesquisador reunir esses dados e realizar um trabalho detalhado de análise (Ferenhof, 2018). Nesse momento que entram métodos específicos de análise qualitativa, tais como a análise de conteúdo (Gioia, Corley & Hamilton, 2012); análise de grounded theory (Strauss & Corbin, 2009); análise do discurso (Focault, 2005; Bakhtin, 2003); análise da narrativa (Pentland, 1999) e análise da conversação (Fairhurst & Cooren (2004), entre outros. A seguir, a Tabela 1, apresenta os diferentes tipos de métodos de análises citados e como são usados na pesquisa.

Tabela 1

Métodos de análise de dados da pesquisa qualitativa

Método	Autor	Características	Como é utilizada
Grounded Theory	Strauss & Corbin (2009)	Codificação aberta, axial e seletiva; permite construir teoria emergente a partir de dados; integra dados em categorias e relaciona categorias em torno de fenômenos centrais.	Indicada para análise profunda de entrevistas, documentos, observações e outros registros, visando formular teorias substantivas.
Análise de conteúdo	Gioia, Corley & Hamilton, (2012)	Estrutura a análise em códigos de 1ª ordem (termos dos participantes) e 2ª ordem (conceitos teóricos); busca desenvolver esquemas conceituais indutivos com base nos dados empíricos.	Aplicada em entrevistas e textos para gerar construções teóricas robustas a partir das falas dos participantes.
	Bardin (1977)	Pode ser organizada em três fases: pré-análise (organização do material, leitura flutuante e definição de hipóteses e objetivos); exploração do material (codificação e categorização dos dados); tratamento dos resultados (interpretações, inferências e reflexões teóricas a partir das categorias construídas).	Usada em pesquisas qualitativas e, às vezes, mistas, principalmente quando queremos interpretar significados presentes em entrevistas, questionários abertos, documentos, mídias sociais, entre outros.
Análise do discurso	Focault (2005)	Discurso como prática: discursos não são apenas reflexos da realidade, mas a constroem; relação saber-poder: discursos estão sempre atravessados por	Usada para investigar como certos discursos legitimam práticas, produzem categorias e como produzem exclusões ou

		relações de poder que determinam o que é considerado “verdade” ou “normal”; Formações discursivas: conjuntos de regras que organizam o que pode ser dito numa época e em determinado campo do saber.	silenciamentos.
	Bakhtin (2003)	Dialogismo: todo enunciado se constrói em resposta a outros discursos passados e antecipa respostas futuras; polifonia: múltiplas vozes coexistem e interagem em um texto ou fala; heterogeneidade discursiva: mostra como discursos sociais diferentes aparecem ou são tensionados numa fala ou texto.	Pesquisadores analisam como discursos oficiais e discursos populares dialogam, como sujeitos respondem criticamente a discursos dominantes ou como múltiplos sentidos convivem num mesmo texto.
Análise da narrativa	Pentland (1999)	Analisa a estrutura das narrativas (enredo, atores, eventos, consequências) para explicar processos organizacionais e sociais.	Utilizada para compreender como indivíduos e organizações constroem sentidos ao relatar experiências ou mudanças ao longo do tempo.
Análise de conversação	Fairhurst & Cooren (2004)	O discurso não é apenas algo que representa a organização, mas algo que a constrói; A análise de conversação permite observar de forma micro: quem fala, em que ordem, como se interrompe, como se retoma o tema; como membros coordenam ações, constroem consenso, exercem autoridade.	Usada por meio da análise de conversação, é possível estudar como as organizações são “faladas e feitas” na interação cotidiana, como também são refletidas e constituídas pelo discurso.

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Mesmo que os métodos tenham indicações de como ser usados, Ferenhof (2018) ressalta que na pesquisa qualitativa não há uma fórmula pronta a ser seguida. O pesquisador precisa manter um contato constante com o campo e com o processo de análise. Somente assim será possível desenvolver experiência prática e segurança na condução da pesquisa. Para transformar dados em informação, o pesquisador precisa ser disciplinado e refletir de forma aprofundada, como também buscar contato com diferentes teorias e métodos que dialoguem com o objeto de estudo (Ferenhof, 2018). De modo semelhante, Sergi e Hallin (2011) reforçam essa perspectiva processual ao defenderem que a pesquisa qualitativa vai além da simples descrição densa, sendo uma “performance espessa”, na qual o pesquisador está ativamente engajado em um processo dinâmico de construção de sentido. Essa abordagem destaca a importância da presença contínua e da interação do pesquisador com o campo, enfatizando que o conhecimento emerge da prática e não de procedimentos mecânicos (Sergi & Hallin, 2011).

Apesar das potencialidades da pesquisa qualitativa, diversos autores alertam para riscos do uso excessivamente instrumental e positivista desses métodos, que reduzem a análise a um processo de codificação mecânico de dados, com categorias prévias, o que contraria o potencial interpretativo e indutivo desta abordagem (Alvesson & Sandberg, 2014; Gioia, Corley & Hamilton, 2012). Na próxima sessão discutimos essas distorções, em especial no uso da análise de conteúdo.

2.2 Além da análise de conteúdo de Bardin

A análise de conteúdo (Bardin, 2010) é uma das técnicas mais utilizadas para tratar dados qualitativos na produção científica brasileira (Sampaio *et al.*, 2022). O estudo de Seramin & Walter (2017) buscou artigos que usaram Bardin em suas pesquisas, seguindo os critérios: ano “a

partir de 1997”; tipo de documento “artigo” e área “Ciências Sociais Aplicadas”. Na base SPELL foram localizados e analisados 50 artigos que mencionavam “Bardin” e “Análise de Conteúdo”. Na SCIELO, os autores realizaram a busca com os mesmos termos, filtrando Brasil e a mesma área, a qual resultou em 13 artigos. Do total de 63 artigos encontrados (50 no SPELL + 13 na SCIELO), e, após exclusões, restaram 52 artigos que empregaram o método de análise de conteúdo de Bardin, o que evidencia sua frequente utilização na área (Seramin & Walter, 2017).

Apesar disso, artigos têm evidenciado fragilidades na forma como essa técnica é aplicada, além de uma dependência excessiva do manual elaborado por Laurence Bardin (Sampaio et al., 2022). Sampaio et al. (2025) argumentam tais fragilidades metodológicas, como a carência de diretrizes para construir dados qualitativos, a ausência de recomendações para a elaboração de livros de códigos em análises dedutivas, além de não oferecer estratégias específicas para lidar com a subjetividade dos codificadores a partir de sua visão. Os autores também destacam a necessidade de maior transparência e detalhamento no procedimento metodológico, de forma a fortalecer a confiabilidade e a credibilidade nas análises qualitativas (Sampaio et al., 2025).

Bardin (1977) propõe que a análise de conteúdo de dados pode se organizar em três fases: (i) pré-análise (organização do material, leitura flutuante e definição das hipóteses e objetivos); (ii) exploração do material (codificação, categorização e recorte dos dados) e (iii) tratamento dos resultados (interpretação, inferências e reflexões teóricas a partir das categorias encontradas). Essa autora destaca que essas etapas não seguem, necessariamente, uma ordem cronológica rígida, pois estão estreitamente relacionadas: a escolha dos documentos pode depender dos objetivos do estudo, ao mesmo tempo em que esses objetivos podem ser formulados em função do material disponível. Do mesmo modo, os indicadores podem ser construídos a partir de categorias prévias ou, inversamente, essas categorias podem emergir ao se identificar determinados índices nos dados (Seramin & Walter, 2017).

Contudo, Sampaio *et al.* (2022) mencionam que além da literatura brasileira sobre análise de conteúdo utilizar quase que exclusivamente Bardin, frequentemente a empregam de forma superficial e inadequada. Muitos estudos mencionam apenas as três fases gerais propostas pela autora, sem explicitar como as etapas foram conduzidas e adaptadas para a realidade da pesquisa em questão (Sampaio *et al.*, 2022). Os trabalhos usam partes do método de análise de conteúdo, mas não seguem todas as etapas propostas por Bardin, que inclui regras como exaustividade (analisar todo o material), exclusividade (cada categoria só pode ter um significado) e presença de hipóteses (Seramin & Walter, 2017). Ademais, há uma contradição: alguns autores afirmam seguir um paradigma mais interpretativista ou fenomenológico voltado a compreender sentidos e experiências, mas mesmo assim usam Bardin, que originalmente propõe um método mais estruturado e próximo de uma abordagem positivista (Prasad, 2017; Seramin & Walter, 2017). Essa prática gera dúvidas sobre os próprios critérios de qualidade da pesquisa qualitativa, como validade, confiabilidade e o rigor metodológico das análises realizadas (Sampaio *et al.*, 2022).

Silverman (2000) critica estudos que se dizem válidos quando apresentam apenas alguns poucos exemplos ilustrativos dos dados, sem explicitar os critérios usados para selecionar esses exemplos e sem disponibilizar as informações originais para checagem e verificação, o que compromete a transparência e a credibilidade da pesquisa. Entretanto, não se trata de rejeitar completamente o uso de Bardin, porém, reconhecemos que métodos científicos evoluem ao longo do tempo e aspectos que atualmente ganham destaque na pesquisa acadêmica, como a transparência e confiabilidade, não recebiam a mesma atenção na época da última atualização da obra há mais de 20 anos (Sampaio *et al.*, 2022). Além disso, a necessidade de teorizações mais próximas das realidades que pretendem explicar (Tsoukas, 2017), abrem o leque para abordagens (i) menos instrumentalizadas (Harley & Cornelissen, 2022), (ii) que se desenvolvam a partir de paradigmas não-positivistas (Prasad, 2017), e (iii) que busquem elementos de qualidade baseados nos processos de pesquisa em si (Pratt, Kaplan & Whittington, 2020).

Quando falamos a respeito de inovar em métodos, reforçamos o objetivo do presente artigo, o qual traz um exemplo de procedimento metodológico a partir da análise indutiva de primeira e segunda ordem proposta por Gioia e colegas (Gioia & Chittipeddi, 1991; Gioia, Corley & Hamilton, 2012). Contudo, faz-se necessário lembrar que o “método Gioia” não pode ser entendido como uma receita de um livro de receitas, conforme destacado pelo próprio autor (Gioia *et al.*, 2022), mas uma proposta orientadora do processo serendipioso (*serendipity*) de pesquisa qualitativa (Wiedner & Ansari, 2017).

Apesar da abordagem proposta por Gioia e colegas (Gioia, Corley & Hamilton, 2012) ser frequentemente adotada na pesquisa qualitativa, o verdadeiro rigor exige que os pesquisadores utilizem seu próprio raciocínio criativo, em vez de replicar os procedimentos metodológicos de forma superficial (Gioia *et al.*, 2022). Os autores mencionam:

(...) muitas vezes me maravilho com a forma como outros acadêmicos aplicam a metodologia de forma inadequada, tratando-a como uma espécie de modelo. Eles pegam a terminologia de primeira ordem/segunda ordem/estrutura de dados e a aplicam de maneiras que nem eu reconheço. (Estou omitindo nomes aqui para proteger os culpados.) Fico simplesmente surpreso com a frequência com que as pessoas usam a metodologia de forma inadequada, pois roubam e aplicam os rótulos às suas próprias técnicas — uma aparente manifestação da antiga sabedoria linguística de que, uma vez que o(s) autor(es) descreve(m) suas crenças por escrito, ele(s) não possui(m) mais a interpretação dessas palavras. (Gioia *et al.*, 2022, p., tradução nossa).

Gioia, Corley e Hamilton (2012) ressaltam que o rigor qualitativo em pesquisas indutivas não advém do simples seguimento mecânico de etapas metodológicas, mas da transparência e da profundidade no processo analítico. Nesta abordagem eminentemente indutiva, a importância e a qualidade estão na ligação clara entre os dados empíricos produzidos, os códigos de primeira e segunda ordem e a teoria emergente, bem como da reflexividade do pesquisador durante a análise. O rigor na pesquisa qualitativa é alcançado ao garantir coerência interna, validar as interpretações com os dados e permitir a flexibilidade criativa necessária para adaptar o método ao contexto específico da pesquisa (Gioia, Corley & Hamilton, 2012, Harley & Cornelissen, 2022).

3 DELINEAMENTO DO PROCEDIMENTO METODOLÓGICO A PARTIR DE GIOIA

A partir dessa seção apresentamos um exemplo desse estudo, cujo objetivo compreender o processo de teorização - gerado a partir da análise primária e secundária de dados qualitativos proposta por Gioia-, por meio de um exemplo ilustrativo de um estudo sobre as mudanças nos diferentes papéis sociais de mães e pais pesquisadores de *stricto sensu* da área de Contabilidade e Administração no Brasil e em Portugal durante a pandemia de COVID-19.

Ressaltamos que não buscamos apresentar um modelo rígido a ser seguido, mas expor as contribuições teóricas, práticas e metodológicas da abordagem de Gioia e colegas (Gioia & Chittipeddi, 1991; Gioia, Corley & Hamilton, 2012, Gioia, 2017, Gioia *et al.*, 2022). Em especial, buscamos oferecer uma descrição didática do processo de teorização, exemplificando cada etapa para servir de orientação para futuros estudos, sobretudo nas áreas de Administração e Contabilidade.

Para coleta de dados primários da pesquisa, realizamos 32 entrevistas em profundidade com docentes de 12 programas de *stricto sensu* de todas as regiões que possuem esse nível de ensino no Brasil (Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste) e 6 programas em Portugal de três regiões (Centro, Lisboa e Alentejo), as quais foram gravadas por meio de vídeos e/ou áudios conforme autorização dos entrevistados. As entrevistas foram realizadas entre 28 de novembro de 2020 e 29 de abril de 2022.

As análises foram conduzidas de forma temática e indutiva, de forma que as dimensões e subdimensões do papel social de pesquisadores emergissem dos dados empíricos ao longo do processo. As formas de teorização diferem, segundo Cornelissen *et al.* (2021, p. 1), “em termos de objetivos, estilo de raciocínio, suas contribuições e a maneira como são redigidas”. Os autores defendem o pluralismo nas formas de teorização e descrevem componentes que se relacionam a diferentes práticas de teorização para os campos organizacionais.

A partir desse estudo de caso coletivo, buscamos a compreensão do fenômeno estudado (efeitos da pandemia nos papéis sociais desses docentes em conjunto) e a teorização em relação a um conjunto maior de casos (Stake, 2005). Segundo Gioia *et al.* (2012, p. 20), “a estrutura de dados não apenas nos permite configurar nossos dados em um auxílio visual sensato, mas também fornece uma representação gráfica de como progredimos de dados brutos para termos e temas na condução das análises”. Seguindo esses autores, com o intuito de facilitar a compreensão do processo de análise, elaboramos um esquema didático-orientador (Tabela 2) para explicar as fases das análises que se (co)constituem para o processo de teorização, relacionando cada etapa da metodologia de Gioia, Corley e Hamilton (2012) com a sua contribuição para teorização. Segundo Gioia, Corley e Hamilton (2012, p. 20), “quando temos o conjunto completo de termos de 1ª ordem e temas de 2ª ordem e dimensões agregadas, temos a base para construir uma estrutura de dados central em toda a nossa abordagem de pesquisa”.

Tabela 2

Esquema didático orientador das fases das análises que se co-constituem para o processo de teorização

Etapa 1 - Análise de Primeira Ordem	
Etapas descritas na metodologia de Gioia, Corley e Hamilton (2012)	Contribuição para teorização
Fase (i) - Interação do pesquisador com o material empírico, consiste em uma codificação aberta, onde os dados brutos (transcrições, documentos, etc.) são lidos e selecionados.	Evidenciar elementos comuns, plausíveis e ligados ao objeto de interesse da pesquisa, segmentando em unidades de significado.
Fase (ii) – Codificação de palavras, termos e percepções dos entrevistados. As categorias ou códigos são criados diretamente a partir das expressões, palavras e frases dos participantes, sem imposição de categorias pré-existentes.	Identificar elementos a partir das experiências dos entrevistados.
Etapa 2 – Análise de Segunda Ordem	
Fase (iii) – Agrupar, interpretar e relacionar os códigos de primeira ordem (expressões, palavras e termos empíricos).	Identificar padrões, temas ou processos subjacentes. a partir dos termos empíricos identificamos o tema (pressões emocionais).
Fase (iv) – Construção de conceitos e categorias analíticas de nível mais elevado, que explicam ou enriquecem o entendimento do fenômeno embasado nas evidências empíricas.	A partir da associação entre a lente teórica e o tema (pressões emocionais), elaboramos o conceito para o referido tema
Fase (v) – Abstração conceitual	Elaboração da síntese propositiva a partir dos elementos empíricos relacionados com a teoria.
Fase (vi) - Organizar os conceitos em um modelo explicativo mais abrangente e integrado, permitindo uma visão sistêmica do fenômeno estudado.	Consolidar os temas (subdimensões) gerados: (i) pressões emocionais; (ii) pressões pelo cumprimento de metas e prazos; (iii) pressões sobre os padrões sociais de condutas, em uma terceira fase, temas agregados (dimensão)
Fase (vii) – Síntese e Discussão Teórica da análise	Formulação de um esquema explicativo mais abrangente e integrado, o qual proporciona uma visão sistêmica do fenômeno estudado.

Fonte: Elaborado pelos autores (2025) a partir de Gioia, Corley e Hamilton (2012).

O início do processo de teorização (fases i e ii da análise de primeira ordem) consistiu em agrupar os dados empíricos brutos em tabelas, de maneira que possibilite analisar o contexto das respostas dos entrevistados para um determinado grupo de perguntas. A partir desse agrupamento, começamos a codificar palavras, termos e percepções em destaque sublinhados, como demonstrado nos recortes na Figura 1.

Figura 1
Análise de Primeira Ordem



As categorias ou códigos são criados diretamente a partir das expressões, palavras e frases dos participantes, sem imposição de categorias pré-existentes.

Na fase iii, emergiram os temas da análise de segunda ordem “**Pressões emocionais**”, **Pressões pelo cumprimento de metas e prazos** e **Pressões sobre os padrões de conduta**, a partir da análise dos dados empíricos de primeira ordem e, na fase iv (Tabela 3), recorreremos à teoria de base para entender como esse tema se relaciona ao papel social dos indivíduos e criamos um conceito para cada tema a partir da lente teórica, neste caso de Berger e Luckmann (2014).

Tabela 3

Conceitos elaborados para cada subdimensão

Conceitos : aproximação da teoria aos dados empíricos
Subdimensão 1 – Pressões emocionais
<i>A formação do hábito ao representar um determinado papel traz alívio psicológico ao indivíduo, à medida que esse indivíduo recebe pesos por mudanças na sua rotina, podem se intensificar as tensões no seu equipamento biológico (Berger & Luckmann, 2014).</i>
Subdimensão 2 - Pressões pelo cumprimento de metas e prazos
Conceito: Um indivíduo pode sofrer sanções, caso não se comporte da maneira esperada, ou não execute as atribuições do seu papel de acordo com o padrão de conduta pré-estabelecido (Berger & Luckmann, 2014).
Subdimensão 3 – Pressões sobre os padrões sociais de conduta
Conceito: Uma tipificação recíproca de ações habituais por determinados tipos de atores, institucionalizam um padrão de conduta. Essas ações rotineiras, em momentos de crise, levam os indivíduos a repensar a sua realidade. (Berger & Luckmann, 2014).

Elaborado pelos autores (2025).

A partir disso, foram teorizadas em forma de proposições *a posteriori* as sínteses de cada subdimensão (v) e, após a realização dos agrupamentos dos temas ou subdimensão relacionados, estes foram agregados à uma dimensão de análise (vi). Nesse exemplo, os temas **Pressões Emocionais**, **Pressões pelo cumprimento de metas e prazos** e **Pressões sobre os padrões de conduta** foram agregados e, a partir disso, foi teorizada a **dimensão Pressões sobre os papéis sociais** (Tabela 4).

Tabela 4

Sínteses propositivas (a posteriori) e relações agregadas à dimensão Pressões sobre os papéis sociais

Síntese das relações relacionadas à dimensão de Pressões sobre os papéis sociais
Subdimensão 1 – Pressões emocionais
SP3-1: O isolamento social, a insegurança e a preocupação com a preservação da saúde de si mesmo e da família gerados pela pandemia refletiram na mudança de padrão de conduta dos professores/pesquisadores e fez com que desencadeassem disfunções físicas e emocionais como insônia, oscilação de peso, sentimentos de angústia, frustração, preocupação excessiva, as quais elevaram significativamente o nível de estresse desses atores.
Subdimensão 2 - Pressões pelo cumprimento de metas e prazos
SP3-2: O ensino remoto síncrono adotado no período pandêmico modificou o padrão de conduta dos professores/pesquisadores, os prazos apertados, a sobrecarga de trabalho, as cobranças excessivas de periódicos e das IES, e até mesmo a auto cobrança dos docentes, ocasionando sentimentos negativos como angústia, inquietação e desmotivação devido à pressão pelo cumprimento de prazos e metas atribuídas a esses indivíduos.
Subdimensão 3 – Pressões sobre os padrões sociais de conduta
SP3-3: O padrão de conduta dos professores/pesquisadores sofreu tensão por mudança durante a pandemia, uma vez que: houve a necessidade de mudar o planejamento e a forma de condução das aulas; pressões externas por produtividade; ambiente físico inadequado, dificultando a manutenção da rotina e sobrecarga relacionada à maternidade devido a questões culturais.

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

A partir dos conceitos e sínteses propositivas de cada subdimensão, discutimos teoricamente cada dimensão. Neste exemplo, constituímos teoricamente a “Pressão sobre os papéis sociais”. Como apontado por Gioia, Corley e Hamilton (2012, p. 22), “a questão-chave para nós como construtores de modelos é como explicar não apenas todos os principais conceitos, temas e dimensões emergentes, mas também suas inter-relações dinâmicas”.

Relembramos que os temas, as dimensões e os dados se inter-relacionam com os papéis sociais das mães e pais professores/pesquisadores, foco da pesquisa base para essa proposta metodológica. A lógica indutiva alcançada e as múltiplas rodadas não-lineares entre os temas gerados e os dados empíricos permitem aos autores alcançar uma estrutura teórica explicativa do fenômeno. Contudo, ressaltamos que estas dimensões não estão claramente separadas na realidade, uma vez que são dimensões do mesmo fenômeno e ocorrem simultaneamente, de modo a se co-constituírem na realidade em construção. Por fim, ressaltamos que embora apresentada de maneira sequencial, a utilização da análise de primeira e segunda ordem, requer um profundo envolvimento do pesquisador na produção teórica, uma vez que não há um processo mecânico, procedimentalizado, rígido e instrumental de pesquisa.

4 DESVELANDO AS ANÁLISES - O EXEMPLO DA SUBDIMENSÃO: PRESSÕES EMOCIONAIS

Na Tabela 5 apresentamos, de forma sintética, as evidências empíricas relacionadas à subdimensões (i) pressões emocionais, a qual posteriormente é agregada a dimensão **Pressões sobre os papéis sociais** de professores/pesquisadores do *stricto sensu* de Contabilidade do Brasil e de Portugal. Essa dimensão **Pressões sobre os papéis sociais** emergiu (*a posteriori*) como síntese teórica agregada das subdimensões (i) pressões emocionais, (ii) pressões pelo cumprimento de metas e prazos e (iii) pressões sobre os padrões de conduta. Neste estudo, devido às restrições de espaço e imbuída de função didática, apresentamos a análise primária da subdimensão “pressões emocionais”, no processo de teorização das mudanças nos papéis sociais de mães e pais pesquisadores da área de Administração e Contabilidade a partir da pandemia de COVID-19.

Tabela 5

Dimensão: Pressões sobre os papéis sociais dos professores/pesquisadores do *stricto sensu* em Contabilidade e Administração do Brasil e de Portugal (Pressões Emocionais)

Análise de Primeira Ordem	Análise de Segunda Ordem	
Conceito relacionando a teoria na fase da análise de 2ª ordem: A formação do hábito ao representar um determinado papel traz alívio psicológico ao indivíduo, à medida que esse indivíduo recebe pesos por mudanças na sua rotina, podem se intensificar as tensões no seu equipamento biológico (Berger & Luckmann, 2014).		
Evidências empíricas	Subdimensões	Dimensão
“O cansaço mental que eu achei muito grande, (...), eu tenho muita insônia nessa pandemia , tive muita. Com essas preocupações dos meus filhos, volta ou não volta para escola , levo ou não levo, deixo aqui, sabe, e você vê que os filhos não estão aprendendo nada no on-line.” (E-15BR)	Pressões emocionais	
“(…) Trabalhar na sua casa e, também, o nível de estresse, o principal problema é que eu não sinto aquilo que a sala de aula te dá , a energia da sala de aula, you entra na aula e sai frustrado , porque não vejo retorno , porque na aula há interação, fluiu, teve consistência, despertou interesse, enfim acho que atingiu o objetivo. Então, é essa frustração que gera aumento de estresse. ” (E-1BR)	Pressões emocionais	
“Além do estresse inicial da pandemia , aí criança pequena estar trancada em uma casa durante meses, já é difícil (...) afeta o pai também e afeta o professor que acaba se estressando mais . Quem sentiu mais foi minha esposa (...) porque perdeu essa oportunidade de estar viajando, não foi possível então isso gera também uma certa angústia, principalmente nela e acaba me afetando também , é de	Pressões emocionais	

<p>estresse, o nível de estresse aumenta porque as coisas não estão melhorando conforme a gente tinha pensado” (E-5BR)</p>		
<p>“Teve a restrição, foi um ano também nesse sentido, de abrir mão de algumas coisas de ‘hobby’, de viajar, de ir para a casa das pessoas. Então, isso está correlacionado com o momento de pandemia. (...) acabei não fazendo tanta atividade física, a parte de alimentação também, por mais que você se cuide, quando você está em casa é diferente, (...) acaba também engordando, acaba ficando sedentário, e nisso a pandemia afetou com certeza, é algo que eu tenho que recuperar, tenho que recuperar o meu tempo da tese do Doutorado e o meu corpo, a parte de peso, da saúde.” (E-6BR)</p>	<p>Pressões emocionais</p>	
<p>“percebi num primeiro momento, senti aquela sensação de prisão. Até quando ficaremos nesse isolamento? dá aquela sensação de prisão, uma sensação ruim. (...) Num segundo momento, parece que isso passou, conseguimos lidar melhor com isso, mas a gente está com problema para dormir, tanto ela como eu, então como a gente fica muito tempo dentro de casa, parece que não percebemos o dia passar, o dia começar e o dia terminar, então mudou muito(...)”. E-19BR.</p>	<p>Pressões emocionais</p>	<p>Pressões sobre os papéis sociais</p>
<p>“(…) o que eu sinto mais falta são meus passeios de jipe , vendi minha moto em dezembro (...) o principal que eu fazia era andar de bicicleta em grupo, andar de moto, às vezes também grupo, passeios de jipe(...) mas sinto uma pressão, eu pelo menos me sentia o tempo todo sob pressão o tempo todo, sabe, você vai sair tem que estar o tempo todo prestando atenção, você põe a mão na máscara, tem quem está perto, é terrível o medo de acontecer alguma coisa com alguém próximo, então o tempo inteiro em alerta, isso é horrível. E-3BR.</p>	<p>Pressões emocionais</p>	
<p>“O convívio com a família foi prejudicado. Os meus pais já têm uma idade avançada. Nós sempre íamos em todos os fins de semana jantar e tivemos que deixar de visitá-los, mas, depois de um tempo, decidimos arriscar. Agora, hoje já nem pensamos nisso, fazemos tudo normal e pronto. Meu pai acabou por falecer por causa da covid, foi um pouco difícil, muito de repente, porque era uma pessoa saudável e pronto, foi assim.” E-10PT.</p>	<p>Pressões emocionais</p>	
<p>“A saúde mental, foi muito abaixo, (...) era uma pressão muito grande, e estava em todo lado, para ter uma casa organizada, um trabalho organizado, ser mãe, apoiá-los nas aulas, estar sozinha (marido estava fora o dia todo trabalhando) foi caótico. Lembro ter dias que só fazia chorar, chegar à noite, fazia chorar, mas tínhamos que avançar e no dia seguinte voltar, mesma cara, vamos continuar (...) Dificuldade em respirar, outra, ainda agora estava a comentar que meu filho já há muito tempo não tinha crises de sinusite e voltou a ter, porque o que passou durante esse último ano, mas de um ano sempre com máscara, oito horas por dia, é muito para uma criança.” (E-6PT)</p>	<p>Pressões emocionais</p>	
<p>“(…) eu antes frequentava ginásio, pronto isso se foi, acabou. Depois comecei a fazer caminhada sozinha, porque também moro em uma zona que relativamente perto daqui tem campo, e então eu ia para o campo fazer caminhada e emagreci bastante. Eu sou magra, mas fiquei ainda mais magra. Eu acho que teve pessoas que engordaram e outras emagreceram e eu fui a que emagreceu de stress, eu sempre deixo de comer em razão do estresse e depois também comecei a fazer muita caminhada, porque tinha muita necessidade, trabalhava duas, três, quatro horas e eu tinha que sair ao fim disso, fazer a caminhada, fazia por exemplo ao fim da manhã e depois ao fim da tarde...” E-1PT.</p>	<p>Pressões emocionais</p>	
<p>“Nós tínhamos muito medo de ir à rua, até aquela primeira fase, tínhamos medo de fazer as compras, fazia as compras on-line, para ir buscar, tínhamos medo de pôr o nariz para a rua, foi bem assustadora mesmo. Nessa segunda fase, às vezes eu fazia uma caminhada, logo pela manhãzinha ou no fim do dia, mas isso nessa segunda fase, porque na primeira eu não saía. Eu acho que nós perdemos muito, antes a gente se encontrava diversas vezes no fim de semana, na mesma casa, a família, os pais e irmãos, e acabamos perdendo um pouquinho dessa afetividade, acho que perdemos um pouquinho, porque afastamo-nos, não há assunto. Eu acho que sim, mesmo com nossos amigos, também noto muito isso. Agora que as coisas chegaram numa fase mais normal, mas, perdemos...” E-5PT.</p>	<p>Pressões emocionais</p>	

A partir da fala do E-12BR: “*era um estresse mental muito grande, sem saber o que você vai fazer da sua vida, sem saber se você pode ir à esquina, sem poder sair*”, identificamos que as incertezas produzidas pela pandemia causaram medo e, em função da necessidade de distanciamento social, tornaram as pessoas mais isoladas e reclusas, o que elevou o estresse emocional.

O medo constante de contaminação da família pelo Covid-19 também se refletiu na fala do Entrevistado 15-BR, o qual cita que “*é um cansaço mental que eu, por exemplo, perdi muito sono rejuvenescedor. Além do medo de contaminação, sentido a partir da fala desse mesmo entrevistado, “volta ou não volta para escola, levo ou não levo, deixo aqui (...) e você vê que os filhos não estão aprendendo nada no on-line*”. Assim, o nível de preocupação com a família em decorrência da pandemia, seja em termos de saúde, aprendizado ou segurança futura, se intensificou e gerou estresse emocional nos docentes pesquisadores e, dessa forma, afetou a saúde mental desses, refletindo em sintomas físicos como insônia e esgotamento mental.

Para o entrevistado E-1BR, as aulas remotas aumentam o nível de estresse: “*na verdade eu estou no limite e gostaria muito que a gente voltasse presencial*” e “*não sinto aquilo que a sala de aula te dá, a energia da sala de aula*”. A partir das falas desse entrevistado, verificamos que a falta de contato presencial com os alunos, devido ao processo de ensino aprendizagem ser mediado por tecnologia, suprimiu a dinâmica gerada em sala de aula presencial, o que frustrou o docente e aumentou seu nível de estresse.

O entrevistado E-5BR afirmou que “*afetou um pouco porque perdeu essa oportunidade de estar viajando, não foi possível, então isso gera também uma certa angústia, principalmente nela e acaba me afetando também*”. Evidenciamos que a demora para cessar o isolamento social provocado pela pandemia fez com que as famílias se visitassem menos, o que gerou quebra de expectativa e angústia nos membros da família, permeando o clima da casa devido ao aumento de estresse emocional, o que acaba se refletindo no docente também.

Emerge, a partir da fala do Entrevistado E6-BR: “*abrir mão, de algumas coisas de ‘hobby’, de viajar, de ir para a casa das pessoas*” e “*eu acabei não fazendo tanta atividade física, a parte de alimentação também*”, que a reclusão devido à pandemia acentuou a ansiedade nos docentes, o que afetou também a saúde física destes, devido principalmente à falta de movimento e de interação social, bem como ao acesso constante a alimentos. A quebra de rotina e a ansiedade provocadas pela pandemia tornou o docente mais sedentário e, em alguns casos, gerou sobrepeso.

Observa-se, ainda, a fala do Entrevistado E-19BR “*estamos com problemas para dormir, eu nunca tive problemas assim, então como a gente fica muito tempo dentro de casa, parece que não percebemos o dia passar, o dia começar e o dia terminar*”. Dessa forma, percebermos que o isolamento e a insegurança provocados pela pandemia fez com que sintomas físicos relacionados ao estresse emocional, como a insônia, fossem desencadeados.

Ademais, por meio da fala do Entrevistado E3-BR, “*eu pelo menos me sentia o tempo todo sob pressão o tempo todo (...) é terrível o medo de acontecer alguma coisa com alguém próximo, então o tempo inteiro em alerta, isso é horrível*”, indica-se que o medo de contaminação por Covid-19 desencadeou altos níveis de ansiedade, chegando ao ponto de entrevistado não “desligar”, sentindo-se pressionado o tempo todo, inclusive renunciando a seus hobbies em virtude desse medo. Neste sentido, o medo de adoecer foi constantemente relatado pelos professores entrevistados e, segundo eles, contribuiu para o aumento do nível de estresse em sua atuação.

A entrevistada E-1PT de Portugal sentiu o seu emagrecimento sendo gerado em virtude das várias caminhadas diárias para aliviar o estresse como pressão negativa, pois seu peso já era equilibrado. Em complemento, o entrevistado E-9PT relata que devido à quebra de rotina, o mesmo migrou sua atividade de lazer para o ciclismo, para a redução de contato físico, o que desencadeou em redução de peso. Neste caso, a mudança foi percebida como positiva. O

processo de estresse causa pressões negativas ou positivas sobre a saúde mental dos docentes, cada indivíduo reage de uma forma, uma parcela de docentes intensificou suas atividades físicas durante a pandemia, enquanto outros docentes ficaram sedentários.

No que tange às relações familiares, o entrevistado E-2PT indica que *“houve uma altura quando as coisas estavam piores, que até com a família evitávamos estar, mesmo com os pais, a família mais próxima, irmãos, primos, etc. Hoje parece que estamos menos ainda, parece que não voltamos ao normal”*. Depreendemos dessa fala que a pandemia prejudicou as relações familiares, fazendo com que as pessoas evitassem aglomerações por medo de contaminação, e quando o fazem é com grupos restritos, com menos pessoas. O sentimento de saudades de usufruir de vida social e cultural, afeta negativamente o emocional dos docentes, pois o “novo normal” mantém os docentes mais afastados dos familiares e da vida cultural o que gera sentimento de saudosismo e de perda nas relações sociais.

O sentimento de medo de sair de casa também estava presente para a entrevistada E-5PT, conforme destaca *“tínhamos muito medo de ir à rua. Acho que nós perdemos muito, antes a gente se encontrava diversas vezes no fim de semana, na mesma casa, a família, os pais e irmãos, e acabamos perdendo um pouquinho dessa afetividade”*. A partir da fala da entrevistada E-5PT, podemos averiguar que o medo gerado em virtude da necessidade de isolamento provocado pela pandemia acarretou distanciamento das relações sociais familiares, fragilizando laços, os quais (até o momento em que ocorreu a entrevista) ainda não haviam sido reestabelecidos. O isolamento social ocorrido em virtude da pandemia provocou, além do distanciamento físico, distanciamento afetivo dos docentes com seus familiares, o que fragilizou laços emocionais.

Para a entrevistada E-10PT, no início da pandemia *“O convívio com a família foi prejudicado. Os meus pais já têm uma idade avançada”* e a docente necessitou deixar de visitar os pais no período pandêmico crítico, contudo, seu pai faleceu de Covid-19, o que abalou o lado emocional da docente. A partir da fala da entrevistada E-10PT, percebemos que a docente ficou isolada por um tempo dos pais, contudo chegou ao ponto de arriscar e visitar seus entes queridos. Diante do exposto, evidenciamos que o isolamento social e a perda de familiares durante a pandemia afetam negativamente o emocional dos professores.

O esgotamento físico é evidenciado pela entrevistada de Portugal (E-6PT), a qual se sentiu pressionada pelas múltiplas tarefas que ela teve que cumprir, tanto de trabalho, quanto relacionadas à família. Os efeitos de preocupações gerados a partir da pandemia, devido às pressões relacionadas à multiplicidade de tarefas tanto no aspecto profissional quanto familiar, persistem mesmo após a fase crítica da pandemia.

Em síntese, o estresse emocional dos professores pesquisadores foi intensificado durante a pandemia de Covid-19 devido a alguns aspectos, tais como: medo de contaminação; sobrecarga de atividades de trabalho na modalidade remota; diminuição do convívio com familiares; aumento do nível de preocupação com a família, principalmente com os filhos, em decorrência da pandemia, seja em termos de saúde, aprendizado ou segurança futura; sentimento de incompletude no papel de pais; sedentarismo; restrições de encontros sociais e culturais. Estes fatores, aliados à frustração mediante a falta de contato presencial com os alunos, se refletiu em sintomas físicos, tais como insônia e alterações de peso (aumento ou diminuição).

Neste sentido, sugerimos a síntese propositiva (SP1-1): ***O isolamento social, a insegurança e a preocupação com a preservação da saúde de si mesmo e da família gerados pela pandemia, refletiram na mudança de padrões de conduta dos professores/pesquisadores e fez com que desencadeassem disfunções físicas e emocionais como insônia, oscilação de peso, sentimentos de angústia, frustração, preocupação excessiva, as quais elevaram significativamente o nível de estresse desses docentes e persistem após a fase crítica da pandemia.***

Esse exemplo ilustra como o volume de dados empíricos foi trabalhado de maneira indutiva, a partir da reflexão sobre os dados e informações produzidas durante as entrevistas em profundidade para a formação de uma dimensão específica do fenômeno que se buscava explicar.

5 DISCUSSÕES

O método Gioia foi desenvolvido ao longo de mais de duas décadas como resposta a desafios enfrentados por pesquisadores qualitativos, especialmente a crítica recorrente de que a análise qualitativa não teria rigor ou processo estruturado (Gioia, Corley & Hamilton, 2012). Segundo os autores, o objetivo do método consiste em construir uma abordagem que mantivesse a abertura para descobertas emergentes ao mesmo tempo em que oferecesse um caminho sistemático, transparente para a construção de teoria a partir dos dados (Gioia, Corley & Hamilton, 2012; Gioia et al., 2022).

Diferente de métodos positivistas ou dedutivos, que partem de hipóteses e categorias definidas *a priori*, o método Gioia propõe uma análise indutiva, centrada na identificação de categorias de primeira e segunda ordem (Gioia, Corley & Hamilton, 2012). Essa estrutura de dados funciona como uma ponte entre os relatos empíricos e a formulação teórica, a qual permite demonstrar de modo claro como se chegou aos resultados (Gioia, Corley & Hamilton, 2012).

Neste estudo, ilustramos um caminho metodológico orientativo para análises qualitativas de caráter indutivo. Gioia *et al.* (2022) destacam que o método emergiu de uma convicção epistemológica: se os mundos organizacionais são construídos socialmente, faz sentido que as teorias sobre eles também se construam a partir da experiência e da linguagem dos atores envolvidos (Gioia *et al.*, 2022). Essa orientação permite o que Gioia chama de “pesquisa *serendipity-driven*”, uma investigação aberta ao surgimento de categorias e relações não previstas inicialmente, mantendo sempre o compromisso com a cientificidade (Gioia et al., 2022).

Por fim, como reforçam Gehman *et al.* (2017), teorias derivadas desse processo tendem a ser mais complexas e próximas da realidade observada, pois não ficam limitadas a confirmar categorias pré-existentes. Essa abertura aumenta a capacidade explicativa das teorias desenvolvidas e torna os resultados potencialmente mais relevantes para compreender processos organizacionais dinâmicos. Desta forma, o método Gioia oferece como contribuição, equilíbrio, liberdade interpretativa e criatividade no processo de teorização e transparência processual na consecução da pesquisa qualitativa (Gioia, Corley & Hamilton, 2012; Gehman *et al.*, 2017; Gioia *et al.*, 2022).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo oferece uma alternativa metodológica para a análises indutivas em pesquisa qualitativas, ao buscar ilustrar o método de análise de primeira e segunda ordem proposto por Gioia e colegas (Gioia & Chittipeddi, 1991; Gioia, Corley & Hamilton, 2012, Gioia, 2017), como alternativa à análise de conteúdo temática proposta por Laurance Bardin (1977), a qual, na visão dos autores, tem limitado a complexificação e o potencial teorizador de pesquisas qualitativas nas áreas de Contabilidade e Administração no Brasil.

Como contribuição do estudo, destacamos o desenvolvimento de um caminho ilustrativo e orientador para pesquisadores, o que pode facilitar e dar mais segurança ao processo de pesquisa qualitativo. Apesar de apresentarmos as etapas em congruência com a proposta metodológica do autor, o estudo ultrapassa posicionamentos de generalização, rigor *à priori*, ao desenvolver um caminho propositivo de pesquisa, capaz de fomentar teorizações mais

complexas e aderentes à realidade que buscam explicar (Tsoukas, 2017).

Conforme Gioia *et al.* (2022) o “método Gioia” precisa ser entendido como um método em sua completude, ou seja, um instrumento orientador para o pesquisador, capaz de abranger e respeitar as individualidades do estudo, do objeto de pesquisa e do paradigma onto-epistemológico em questão. Assim, a ilustração metodológica proposta deve ser tomada como um recurso didático para a socialização de pesquisadores no método. Reiteramos a crítica de Gioia *et al.* (2022) que o uso acrítico, acontextualizado e instrumental do método, impondo rótulos e tratando com rigidez o processo de pesquisa, não são capazes de alcançar o potencial indutivo, reflexivo e criativo do método nos processos de teorização.

REFERÊNCIAS

- Alvesson, M., & Sandberg, J. (2014). *Constructing research questions: Doing interesting research*. London: SAGE Publications.
- Bakhtin, M. (1989). *El problema de los géneros discursivos*. In *Estética de la creación verbal*. México: Siglo Veintiuno.
- Bansal, P., & Corley, K. (2011). The coming of age for qualitative research: Embracing the diversity of qualitative methods. *Academy of Management Journal*, 54(2), 233–237.
- Bardin, L. 2010 [1977]. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Berger, P. L., & Luckmann, T. (2014). *A construção social da realidade: Tratado de sociologia do conhecimento* (36ª ed.). Petrópolis: Vozes.
- Boje, D. M. (2011). *Narrative methods for organizational and communication research*. SAGE.
- Cavalcanti, M. F. R. (2017). Guidelines for qualitative research in organization studies: Controversy and possibilities. *Administração: Ensino e Pesquisa*, 18(3), 457–488.
- Cornelissen, J., Höllerer, M. A., & Seidl, D. (2021). What is and can be theory: Forms of theorizing in organizational studies. *Organization Theory*, 2(3), Article 26317877211020328. <https://doi.org/10.1177/26317877211020328>
- Creswell, J. W., & Poth, C. N. (2018). *Qualitative inquiry and research design: Choosing among five approaches* (4th ed.). SAGE Publications.
- Fairhurst, G. T., & Cooren, F. (2004). Organizational language in use: Interaction analysis, conversation analysis, and speech act schematics. In *The SAGE handbook of organizational discourse* (pp. 131–152). SAGE.
- Ferenhof, H. A. (2018). Métodos qualitativos de pesquisa: De dados à informação ao conhecimento; formando pesquisadores. *International Journal of Knowledge Engineering and Management*, 7(19), 1–11. <https://doi.org/10.47916/ijkem-vol7n19-2018-1>
- Foucault, M. (1987). *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Gehman, J., Glaser, V. L., Eisenhardt, K. M., Gioia, D. A., Langley, A., & Corley, K. G. (2017). Finding theory–method fit: A comparison of three qualitative approaches to theory building. *Journal of Management Inquiry*, 27(3), 284–300. <https://doi.org/10.1177/1056492617706029>
- Gioia, D. A., Chittipeddi, K. (1991). Sensemaking and sensegiving in strategic change initiation. *Strategic Management Journal*, 12(6), 433–448. <https://doi.org/10.1002/smj.4250120604>
- Gioia, D. A. (2017). The long, hard road to legitimacy for qualitative research: A personal–professional journey. In *The Routledge companion to qualitative research in organization studies* (pp. 453–464). Routledge.
- Gioia, D. A., Corley, K. G., Feldman, M., Locke, K., Langley, A., Lê, J. K., Mees-Buss, J., Piekkari, R., Ravasi, D., Rerup, C., Schmid, T., Silverman, D., & Welch, A. (2022). A curated debate: On using “templates” in qualitative research. *Journal of Management Inquiry*, 31(3), 231–252. <https://doi.org/10.1177/10564926221098955>
- Gioia, D. A., Corley, K. G., & Hamilton, A. L. (2012). Seeking qualitative rigor in inductive research:

- Notes on the Gioia methodology. *Organizational Research Methods*, 16(1), 15–31. <https://doi.org/10.1177/1094428112452151>
- Goffman, E. (1981). *Forms of talk*. University of Pennsylvania Press.
- Harley, B., & Cornelissen, J. (2022). Rigor with or without templates? The pursuit of methodological rigor in qualitative research. *Organizational Research Methods*, 25(2), 239–261.
- Llewelyn, S. (2003). What counts as “theory” in qualitative management and accounting research? Introducing five levels of theorizing. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 16(4), 662–708.
- Miles, M. B., Huberman, A. M., & Saldaña, J. (2020). *Qualitative data analysis: A methods sourcebook* (4th ed.). SAGE Publications.
- Merriam, S. B. (2009). *Qualitative research: A guide to design and implementation* (2nd ed.). Jossey-Bass.
- Merriam, S. B., & Tisdell, E. J. (2016). *Qualitative research: A guide to design and implementation* (4th ed.). Jossey-Bass.
- Patton, M. Q. (2015). *Qualitative research & evaluation methods* (4th ed.). SAGE Publications.
- Pentland, B. T. (1999). Building process theory with narrative: From description to explanation. *Academy of Management Review*, 24(4), 711–724. <https://doi.org/10.5465/amr.1999.2553249>
- Prasad, P. (2017). *Crafting qualitative research: Beyond positivist traditions*. Taylor & Francis.
- Pratt, M. G., Kaplan, S., & Whittington, R. (2020). Editorial essay: The tumult over transparency: Decoupling transparency from replication in establishing trustworthy qualitative research. *Administrative Science Quarterly*, 65(1), 1–19.
- Sampaio, R. C., Sanchez, C. S., Marioto, D. J. F., Araujo, B. C. S., Herédia, L. H. O., Paz, F. S., Tigrinho, C. S., & Souza, J. R. (2022). Muita Bardin, pouca qualidade: Uma avaliação sobre as análises de conteúdo qualitativas no Brasil. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 10(25), 464–494. <https://doi.org/10.33361/RPQ.2022.v.10.n.25.547>
- Sampaio, R. C., Sanchez, C. S., Tigrinho, C. S., Ernsen, K., Souza, J. R., & Duarte, E. D. (2025). Chega de Bardin!: O círculo vicioso da análise de conteúdo brasileira. *SciELO Preprints*. <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.12029>
- Seramim, R. J., & Walter, S. A. (2017). O que Bardin diz que os autores não mostram? Estudo das produções científicas brasileiras do período de 1997 a 2015. *Administração: Ensino e Pesquisa*, 18(2), 241–269. <https://doi.org/10.13058/raep.2017.v18n2.478>
- Sergi, V., & Hallin, A. (2011). Thick performances, not just thick descriptions: The processual nature of doing qualitative research. *Qualitative Research in Organizations and Management: An International Journal*, 6(2), 191–208.
- Silverman, D. (2000). *Qualitative research: A practical handbook*. SAGE Publications.
- Stake, R. E. (2005). *Handbook of qualitative case studies* (2nd ed.). SAGE Publications.
- Strauss, A. L., & Corbin, J. M. (2008). *Basics of qualitative research: Techniques and procedures for developing grounded theory* (3rd ed.). SAGE Publications.
- Tsoukas, H. (2017). Don't simplify, complexify: From disjunctive to conjunctive theorizing in organization and management studies. In R. Mir, H. Willmott, & M. Greenwood (Eds.), *The Routledge companion to qualitative research in organization studies* (pp. 449–452). Routledge.
- Wiedner, R., & Ansari, S. (2017). Appreciating emergence and serendipity in qualitative research: Resisting the urge to follow set plans. In *The Routledge companion to qualitative research in organization studies* (pp. 343–357). Routledge.